

**Martin Heidegger**  
**e a Questão da Técnica**

Prospectos acerca do futuro do homem

## Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS  
Álvaro Nunes Larangeira – UTP  
Carla Rodrigues – PUC-RJ  
Ciro Marcondes Filho – USP  
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS  
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP  
Erick Felinto – UERJ  
J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM  
João Freire Filho – UFRJ  
Juremir Machado da Silva – PUCRS  
Marcelo Rubín de Lima – UFRGS  
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP  
Michel Maffesoli – Paris V  
Muniz Sodré – UFRJ  
Philippe Joron – Montpellier III  
Pierre le Quéau – Grenoble  
Renato Janine Ribeiro – USP  
Sandra Mara Corazza – UFRGS  
Sara Viola Rodrigues – UFRGS  
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS  
Vicente Molina Neto – UFRGS

FRANCISCO RÜDIGER

**Martin Heidegger**  
**e a Questão da Técnica**  
Prospectos acerca do futuro do homem

2ª. Edição



*Editora Sulina*

© Francisco Rüdiger, 2011

Capa: *Danny Calixto*

Projeto gráfico: *Daniel Ferreira da Silva*

Revisão gráfica: *Miriam Gress*

Revisão: *Caren Capaverde*

Editor: *Luis Gomes*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação ( cip )

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

---

R916m Rüdiger, Francisco  
Martin Heidegger e a questão da técnica: Prospectos  
acerca do futuro do homem / Francisco Rüdiger. -- Porto  
Alegre : Sulina, 2ª edição - 2014.  
199 p.

ISBN: 978-85-205-0423-9

1. Filosofia - Técnica. 2. Teoria do Conhecimento. II. Título

CDD: 100

120

CDU: 101

165

---

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Meridional Ltda.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101

Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS

Tel: (051) 3311-4082

Fax: (051) 3264-4194

[www.editorasulina.com.br](http://www.editorasulina.com.br)

e-mail: [sulina@editorasulina.com.br](mailto:sulina@editorasulina.com.br)

{Abril /2014}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

## Sumário

<b>Prefácio à 2ª edição</b>	7
<b>Preâmbulo</b>	
<b>Martin Heidegger - Técnica</b>	9
<b>Apresentação</b>	11
<b>Capítulo I - Lance de vistas sobre o presente: a filosofia da técnica e o diagnóstico da atualidade</b>	23
1.1 As Conferências de Bremen	26
1.2 A técnica e a filosofia da cultura	36
<b>Capítulo II - Antigos e modernos: origens históricas da questão da técnica</b>	45
2.1 A técnica segundo os antigos	54
2.2 A técnica segundo os modernos	66
<b>Capítulo III - Bastidores do enfrentamento: a recepção dos herdeiros de Nietzsche</b>	73
3.1 De Simmel a Spengler	78
3.2 O confronto com os irmãos Jünger	84
<b>Capítulo IV - Maquinação e vivência: a ascensão do matemático e a era moderna</b>	93
4.1 O matemático e o advento do saber como certeza	97
4.2 A antropologia e a metafísica da subjetividade	107

<b>Capítulo V - A questão da técnica: esclarecimento e circunstâncias</b>	117
5.1 A técnica e a essência da técnica	122
5.2 A armação: acontecimento e sentido	130
<b>Capítulo VI - O império da armação: a escalada do mundo tecnológico</b>	143
6.1 A meta e a ultrafísica	145
6.2 A poíesis e o projeto cibernético	154
<b>Capítulo VII - Balanço da reflexão heideggeriana: acontecimento, sabedoria e reviravolta</b>	163
7.1 Eleição e quietismo	167
7.2 Resignação e utopia	173
<b>Conclusão</b>	181
<b>Coda</b>	
<b>Hans Moravec - Transmutação</b>	188
<b>Abreviaturas</b>	190
<b>Referências</b>	191

## Prefácio à 2ª edição

**H**eidegger pensou sobre a técnica de maneira profunda e original, oferecendo-nos uma proposta de reflexão a seu respeito que transcende o registro discursivo encontrado na vida cotidiana, mas, também, o próprio tratamento que sobre ela se elabora nas ciências humanas e no pensamento filosófico. O relato a seguir constitui uma versão totalmente remodelada de obra publicada com o mesmo título há seis anos, com o objetivo de examinar os vários aspectos envolvidos em sua reflexão sobre o assunto.

O pensamento heideggeriano sabidamente desafia muito mais do que o entendimento. A capacidade de análise e criação é provocada ao máximo a cada leitura. Os estudos que empreendemos durante o intervalo entre esta edição e a anterior, mais a ampliação do repertório bibliográfico, nos obrigam a revisar nosso primeiro tratamento da matéria. A estrutura permanece em linhas gerais a mesma, mas ampliou-se o texto em um capítulo, originalmente previsto para a primeira publicação, em que se situa o contexto de elaboração da reflexão heideggeriana sobre a técnica, convocando os intérpretes com os quais ela dialogou ou fez oposição.

As passagens repetitivas e transcrições, sempre que podiam gerar confusão, em vez de esclarecer a ideia em jogo no raciocínio, foram agora cortadas. O criticismo em parte ingênuo, em parte deslocado que havia no último capítulo foi igualmente retirado. A proposta de interpretação alternativa sobre a proveniência e estatuto da figura do que o filósofo denominou de armação foi mantida. A argumentação, porém, foi bastante retrabalhada, visando dar conta de como o assunto se conecta com os problemas do ser, da poíesis e do evento apropriador.

Para concluir, observo que o aprofundamento do estudo me tornou mais heideggeriano no tocante à atitude filosófica no registro teórico, sem me fazer perder a convicção de que este é secundário em relação ao prático. Assimilei melhor o entendimento de que a filosofia, no que tem de mais influente, pertence ao campo do que é extraordinário. Por outro lado, não deixei de pensar que, em última instância, ela só se legitima como função do desafio em ato que o viver bem constitui para a existência, pouco importa o que ache o homem normalizado da era da máquina.

## PREÂMBULO

### Martin Heidegger Técnica\*

*O fato de as descobertas técnicas serem aplicadas e exploradas tanto para a construção quanto para a destruição, para obter lucros tanto quanto para trazer benfeitorias, criou a aparência segundo a qual a técnica – assim como seus produtos – encontrar-se-ia de fato fora dessa oposição [entre bem e mal].*

*Diz-se: a técnica é neutra – o homem é que a converte em uma bênção ou uma maldição.*

*Porém, o que é o homem? O que é a técnica? Afinal de contas, o homem moderno é algo mais que a produção técnica do que ele é e do que ele não é em si mesmo? Produção essa que [para ele] também é, aliás, [forma de] asseguramento e representação? Afinal de contas, o homem é algo além disso enquanto objetividade disponível?*

*Quanto à técnica, o que é ela além da verdade do existente enquanto certeza distribuída sobre os objetos e as circunstâncias? Dessa verdade que fez domicílio na essência do homem, sem deixar de ter se tornado ao mesmo tempo o terreno de sua morada?*

*Quem pode dizer que a lucratividade oferecida pela técnica de construção seria um bem enquanto a economia que ela trás um mal? Talvez a atividade de construção, na qual o egoísmo metafísico do homem encontra livre curso e cria pretensos valores de uso, seja má em sua essência. Porém, pode ser também que a destruição – a anulação – na qual o homem é posto sem o saber pela técnica dita neutra seja um bem, na medida em que ela revela à plena luz o vazio de sentido do existente.*

*Talvez, a aparente neutralidade que a técnica gera em torno de si e que o ser humano acolhe com avidez, a fim de poder continuar encantado*

*com a técnica, seja a última ilusão oriunda da metafísica, a ilusão que confirme, em suas maquinações incondicionais, [nossa] vontade de vontade.*

*Talvez, a aparente neutralidade da técnica e a fé cega posta nela possam ser sinal característico da ausência de suspeita por parte do homem metafísico a respeito da metafísica.*

*Talvez, a aparente neutralidade da técnica excite a sagacidade humana em tentar todas as possibilidades da técnica, de conquistar tecnicamente a natureza e de organizar tecnicamente a história, a fim de criar por essa via uma instituição mundial que, fabricada pelo homem, deverá assumir a prosperidade e o bem-estar do homem.*

*Talvez, enfim, possa ser que provenha dessa excitação pela técnica o fato de o homem metafísico ter tocado o extremo das derradeiras loucuras do seu egoísmo planetário.*

---

\* Fragmento do manuscrito *Der Anklang*, 1939/1940. In: VIETTA, Silvio. *Heidegger – critique du national-socialisme et la technique*. Paris: Editions Pardès, 1993, p. 152-153.

## Apresentação

Costuma-se remontar ao sofista Protágoras (séc. V a.C.) a afirmação fundadora do Ocidente segundo a qual “o homem é a medida de todas as coisas”. O Oriente é tal coisa ou como tal se institui, desde nossa ótica, porque não conhece essa medida. Deixando de lado o interregno cristão, proviria do período clássico, sobretudo, a origem do humanismo moderno e de todo o seu conjunto de criações históricas. Desde Kant, porém, ocorre que paira de modo cada vez menos silencioso uma dúvida acerca da força dessa proposição. Descartes fundara a certeza no *cogito*, sem abrir mão de todo das garantias teológicas. Com Kant, instaura-se plenamente o pensamento humanista moderno, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, formula-se de maneira muito clara uma pergunta pela qual ainda pouca atenção tem sido dada e que consiste em saber, afinal, o que é o homem? (Kant [1800] 1992, p. 42; cf. Heidegger [1927] 1988, p. 8).

Perguntar quem nós mesmos somos, em vez de repetirmos a pretensa resposta sem noção da pergunta, é algo previsto a partir dessa época e que é posto numa situação filosoficamente essencial e derradeira com o anúncio da chegada do além do humano feito cerca de um século depois por Nietzsche. Schopenhauer observara que, para conduzir o homem a uma situação livre de prejuízos, não basta pô-lo num mundo melhor. Precisamos transformá-lo de modo que ele possa ser o que não é. Que o mesmo se torne outro: isso se torna pensado em sua inteireza, admitido sem vergonha e pregado com toda a radicalidade por Nietzsche.

Vamos! Coragem, homens superiores! Somente agora a montanha do futuro humano sente as dores do parto. Deus morreu: nós que-

remos, agora, que viva o super-homem! (*Zaratustra*, Livro IV, “O Homem Superior”, § 2).

Antes de Heidegger, Nietzsche é quem realmente “inaugurou um campo de pensamento trans-humanista ou pós-humanista”, corrigimos Peter Sloterdijk (1999, p. 22; cf. Arias 2002). Mas não se negará que, como ele o diz, a crítica ao humanismo feita por aquele primeiro “propaga uma mudança de atitude que dirige o homem para uma ascese reflexiva que vai bem mais longe que todas as metas de educação humanista” (p. 30). Heidegger, no entanto, puxou o freio em relação à tarefa proposta por Nietzsche. De acordo com este, a pergunta que mais e mais se coloca no horizonte de nosso tempo é: “como poderemos sacrificar a evolução do homem de modo a favorecer a produção de uma espécie superior a do homem?” (Nietzsche, [“Vontade de Poder”] II, p. 415).

Surpreendia o filósofo o fato de que, embora o homem seja uma imensa promessa, muito mais do que uma natureza, o homem evitasse explorar o mistério de sua condição, não percebesse que tem como missão se superar, saltar sobre si mesmo, procurar ir além do humano, já que, vendo bem, esse é o sentido da sua história: “o homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem” (*Zaratustra*, Prólogo, § 4). Sentimento semelhante possuía o filósofo Max Scheler, em 1928:

Dentro de uma longa história que já tem quase dez mil anos, somos a única época na qual o homem está se tornando problemático ante seus próprios olhos de uma maneira que é total e irremediável; estamos num tempo em que ele, embora não saiba bem, sabe que não sabe mais quem é (Scheler *apud* Safranski 1996, p. 289).

Cerca de um quarto de século depois, a perspectiva volta à baila pela voz de uma abordagem fáustica plenamente consolidada e conforme a qual encontramos-nos, agora, num momento em que o homem deixa de ser a medida e não pretende mais servir de guia, visto que se “houve um tempo em que os seres humanos sonhavam em ser como os deuses, agora eles querem ser iguais às máquinas, ser

produzidos e serem consubstanciais às máquinas” (Günther Anders apud Van Dijk 2000, p. 40).

Derivação plebeia e rude dessa ideia encontra-se hoje nos portavozes da tecnocultura contemporânea, segundo os quais o sujeito humano será sublimado pela máquina e convertido em organismo cibernético. Para um grupo relevante de pessoas com formação científica (tecnológica, na verdade), está na hora de pensar se não podemos levar uma outra forma de existência, após a mente ser transferida para uma rede neuronal artificial, através da substituição das células cerebrais por circuitos eletrônicos e conexões funcionais semelhantes. Quem sabe, defendem, pode estar a nosso alcance livrar a mente das limitações do corpo muito frágil em que ela está alojada.

Pessoalmente em nada me incomoda a ideia de que possa haver algo melhor do que nós e de que tal possa nos substituir... Não vejo razão para crer que somos o fim da cadeia, e penso que algo melhor do que nós é possível (Danny Hillis *apud* Noble 1999, p. 163).

Heidegger situa-se entre esses extremos; no meio do caminho, mas indiferente às receitas dos corifeus da tecnocultura e de Nietzsche. O pensador se recusa a seguir pela senda pelos primeiros sugerida, dando um passo aquém em relação à pretendida superação da metafísica prevista por Nietzsche. Para ele, essa e o que lhe segue apenas revelam, cada vez mais, o caráter enigmático do ser humano e a beira de abismo a que pode levar nossa errância. O filósofo criticou os prejuízos advindos do nosso humanismo, mas rejeitou posicionar-se a favor do super-homem. Devidamente criticada, a figura serviu-lhe, antes, para tentar pensar um outro começo para o ser humano, já que não lhe parecia ser o caso de embarcar “na viagem apressada para onde ainda não estamos e nunca poderemos estar a não ser como monstros da técnica, como seres adequados às máquinas” (Heidegger, *Linguagem*, p. 148).

Em sua visão, somos seres aos quais está interdito o próprio conhecimento e, por isso, somos algo que só em parte é humana e que, embora corra perigo, não irá se esgotar na tecnologia maquinística, salvo na hipótese da destruição. Nenhum de nós pode saber com certeza o que somos, o que é o homem, se é ele uma transição, um

sentido, “uma tempestade que varre nosso planeta, um retorno ou um enfado para os deuses?” ([1929] 2003, p. 9). Nenhum de nós o sabe ou pode dizer tanto e, por isso, legitimamente ninguém pode afirmar isso ou aquilo sobre nós. O homem é um ser, isto é, um processo que teve início e que não se sabe o fim, que, embora às vezes tente, está proibido de se pronunciar legitimamente sobre si mesmo. O homem carece dos títulos para poder afirmar o que ou quem é, porque, pensando bem, não é possível definir o que existe e pensa temporalmente, o que existe e pensa historicamente, como dizia em certo tempo o próprio Nietzsche.

Heidegger contenta-se, relativamente ao assunto, em afirmar que “somos um signo indecifrável” ([1951/1952] 1958, p. 23). O homem é um ser e, portanto, um tempo. Enquanto uma relação de copertença, sempre diferida, entre o ser e o ente, homem é o que age falando e, eventualmente, pensa (cf. Haar 1997). O propósito da presente reflexão consiste em examinar se é o caso, de que modo e até que ponto o pensamento heideggeriano sobre a técnica ajuda a esclarecer crítica e historicamente a fortuna desse homem pelo qual a filosofia, embora sem tê-lo definido bem, já se pronunciou com suspeita há mais de duzentos anos, em meio ao mundo que se descortina diante de nossos olhos com o avanço da tecnocultura.

Desde bom tempo, verifica-se que a técnica, encarnada primeiro no homem, mas, em seguida, na máquina e agora em redes de maquinismos com que, enredados, formamos um novo mundo, acabou se tornando uma força tracionadora de toda a existência. Pensá-la através de Heidegger significa explorar as hipóteses mais extremas em curso nesse contexto e indagar de onde provém sua hegemonia e valorização, de onde vem seu imperialismo planetário, sem sucumbir em sua propaganda, mas também sem temor humanista e reacionário. Significa procurar onde se origina seu apelo silencioso, fascinante e perturbador aos olhos da humanidade. Em suma, perguntar qual é a essência ou sentido desse poderio, à luz de uma reflexão histórica e filosófica.

Michel Foucault encerra uma de suas obras maiores e mais polêmicas lançando proposição sobre ponto que acabou por torná-lo célebre: a morte do homem. Para o pensador:

A impressão de acabamento e de fim, o sentimento surdo que sustenta, anima nosso pensamento, o adormece talvez com a facilidade de suas promessas; mas nos faz crer que alguma coisa de novo está em vias de começar, alguma coisa de que apenas se suspeita, um leve risco de luz na base do horizonte – esse sentimento e essa impressão talvez não sejam infundados (Foucault 1978, p. 499).

Segundo o autor, concordamos já, a iminência desse perigo teria sido proclamada há mais de cem anos por Nietzsche. Este anunciou nosso eventual fim, a desapareção do homem tal como o conhecemos no âmbito do pensamento ocidental. Para ele, circunstância desse tipo é um correlato da morte de Deus. Atestada em *Assim Falou Zaratustra*, a liquidação do divino e transcendente anunciaria o fim do homem, porque privado de o que, epistemicamente, conferia-lhe unidade e sentido, o homem tende a se dispersar interna e externamente como objeto de preocupação social, política, moral e filosófica. Desde então, “o homem está em vias de perecer, à medida que brilha cada vez mais intensamente no nosso horizonte o ser da linguagem” (Foucault 1978, p. 500).

Nos anos 1960, a proposição foucauldiana pretendia dizer, entre os vários sentidos possíveis, que o estudo da língua sucederia o filosofar sobre o homem, o ser das palavras poderia vir a readquirir primazia sobre o ser humano, como – por suposto – ocorrera no Renascimento. Foucault, todavia, não foi filósofo por acaso. Na frase citada há um sentido que avança à frente de seu tempo. A lucidez levou o pensador a dizer, a respeito da morte do homem, que “não se trata de afirmações, quando muito de interrogações a que não é possível responder; há que as deixar em suspenso aí onde elas se formulam, sabendo apenas que a possibilidade de as formular de novo abre por certo sobre um pensamento futuro” (p. 501).

Parece, entretanto, chegado agora de todo esse tempo. Está surgindo uma situação em que este tema começa a extravasar o registro filosófico. O ponto se colocou no centro das perspectivas mais radicais em que reverbera a tecnocultura triunfante. A possibilidade de que o homem desvaneça como se apaga um rosto à beira do mar, quando as ondas beijam a praia, aparece hoje no plano do saber como algo mais do que mera

especulação. O pensamento tecnológico contemporâneo entende a seu modo a constatação de que há, “sob o nome de homem, um ser que, por um único e mesmo jogo de razões, deve ser domínio positivo de saber e não pode ser objeto de ciência” (p. 476).

Prova disso está no misto de especulação tecnológica e propaganda futurista em que está engajado um coletivo formado por cientistas, políticos, escritores, informatas, artistas e literatos segundo o qual o homem perdeu sua condição de figura dramática e protagonista histórico. Nosso corpo se aparelha de recursos artificiais e meios protéticos concebidos cientificamente, como substâncias sintéticas e regenerativas, enxertos e órgãos artificiais, captadores visuais e auditivos, pernas mecânicas computadorizadas etc. As cogitações acerca de sua reengenharia genética, se não sua alocação em ambientes puramente tecnológicos, chegaram ao cotidiano veiculadas pelos meios de comunicação. Destarte, para muitos, convém pensar doravante se os seres humanos não estão a ponto de se converterem nos organismos cibernéticos de que nos fala a ficção científica do século XX.

[Em resumo] verificamos que a identidade humana está desestabilizada e que podemos esperar simbioses inesperadas entre o homem e a máquina, novas formas de controle e manipulação da vida, questionamentos radicais do destino planetário da humanidade (Janicaud, 2002, p. 101).

Durante bom tempo, séculos, na realidade, pretendeu-se que, via técnica, o objetivo era fornecer mais bens e melhores serviços à sociedade, aliviar os fardos de nossa existência, reduzir o sofrimento, aumentar o bem-estar e expandir os horizontes da vida humana.

Hoje, os escritos de muitos cientistas, engenheiros e homens de negócios consagrados proclamam cruamente que, no final das contas, o telos da ciência nada têm a ver com o atendimento das necessidades humanas ou o alívio das velhas aflições da humanidade [...] mas com a criação de uma criatura totalmente nova, chamada por nomes como ciborgue, robô, super-homem, pós-humano ou meta-homem (Winner 2002, p. 2).

Winner exagera na reticência em relação ao movimento pós-humanista, porque, embora sigam por essa linha, seus porta-vozes propõem as mesmas bandeiras que foram as do humanismo.

Através da bem cuidada, refletida e ampla aplicação da tecnologia sobre nós mesmos, podemos nos tornar algo que, vindo bem, não mais poderia ser descrito como humano – nós podemos nos tornar pós-humanos. Tornar-se pós-humano significa exceder as limitações que definem os aspectos menos desejáveis da ‘condição humana’. Os seres pós-humanos não sofreriam mais de doenças, de envelhecimento e da morte inevitável (embora tenham de fazer frente a outros desafios). Eles teriam uma capacidade física e uma liberdade de forma – outros dizem ‘liberdade morfológica’. Os pós-humanos também teriam capacidades cognitivas muito maiores, e mais refinamento nas emoções (mais alegrias, menos rancor, ou outras mudanças sobre as quais cada um decidirá) (More 2013, p. 4).

De fato, o curioso é a ressalva feita por muitos deles de que os pós-humanistas “não procuram a utopia”, no sentido de um estado final de harmonia e perfeição, “mas o progresso perpétuo – o movimento sem-fim no sentido da sempre distante extropia” (superação da situação existente). O triunfo sobre os males da fome, da escassez, da doença e da morte não deve ser visto como instauração do fim da história. O compromisso primeiro com a pesquisa e o desenvolvimento de novos poderes via técnica, para além da nossa condição e do nosso planeta, indica – nietzscheamente, diríamos – que “não há razão para crer que a vida ficará livre de riscos, perigos, conflitos e luta” (More 2013, p. 14).

Heidegger vislumbrou pioneiramente esse projeto, ao tempo de seus estudos sobre Nietzsche, entendendo-o como resultado da nossa “luta ilimitada pelo asseguramento do poder [sobre o planeta]” e, por isso, da “guerra sem limites” pelo “potenciamento do poder” (Heidegger 2012, [“História do Ser”], p. 37) com que nos comprometemos como coletividade na era da técnica maquinística. Procedendo a uma reflexão sobre o que chamou de maquinação, o pensador reconheceu que, via a técnica e a vontade de poder que dela tomou conta, “o ser humano está a ponto de se apoderar da totalidade da terra e de sua atmosfera, de arcar e obter para si, sob a forma de forças, o escondido reino da natureza e de submeter o curso da história à planificação e à ordem de um governo terrestre” (Heidegger, *Holzwege*, p. 336). Evitando se colocar contra ou a favor do processo, ele, nesse contexto, se propôs uma pergunta:

Será a tecnicidade a passagem histórica para o término, a derradeira queda do homem na condição de animal tecnificado e que, assim, perde inclusive a animalidade originária que o ligava aos demais animais; ou será que ela pode ser tomada, antes de mais nada, como um abrigo e, assim, algo capaz de servir de fundamento para [repensar e levar] nossa existência? (Heidegger, *Contribuições*, p. 194).

A Heidegger preocupava só uma questão: a do ser e de seu destino no Ocidente. Na abordagem da técnica por ele proposta, não há, propriamente falando, um tratamento teórico, político ou sociológico do assunto. Segundo Jean Pierre Sérís, verifica-se nela uma “soberba indiferença em relação à vida material, à produção, ao consumo e às trocas, que não saberíamos dizer se é decididamente provocativa ou sonambúlica” (2000, p. 304). Para ele, tudo se resume em pensar o ser. “Somente o homem, entre todos os entes, experimenta, chamado pela voz do ser, a maravilha de todas as maravilhas: é o ente que é” (Heidegger, *Contribuições*, p. 49). A problematização acerca da técnica que ele propôs se impõe neste contexto, mas nem por isso é irrelevante, ao nos levar a pensar as apostas em que estamos comprometidos por meio dela e, assim, o destino do ser humano na era da máquina.

A reconstrução do pensamento heideggeriano sobre a questão da técnica aqui empreendida se propõe a seguir essa linha de análise, examinar de que maneira suas ideias se inserem no confronto da reflexão com a tecnologia e, assim, verificar se contribuem ou não para ampliar nosso entendimento acerca de sua problemática histórica e filosófica. A proposta de pensar a técnica que ele, apesar da falta de sistematicidade, assumiu pode nos ajudar a ver melhor as apostas com que, agora, estamos comprometidos, mas, também, os desafios que precisamos sobrepujar, se quisermos, como ele mesmo afirma, estabelecer uma nova relação com esse processo – se é que podemos escapar, se não a uma possível catástrofe planetária, pelo menos ao nosso imperialismo tecnológico.

Impera atualmente a convicção segundo a qual a realidade por nós vivenciada é movida ou estruturada pela tecnologia. O fato, porém, é que poucos sabem o que se está a dizer assim. A razão é que o

termo “tecnologia” parece evidente em sentido, quando não o é nem em definição. A expressão costuma ser puramente retórica, no sentido de que não se tem noção do seu continente. Apenas como exceção a palavra serve para referir algo de valor ou efetivamente proposicional. Heidegger, veremos, enfrentou essa charada com o mérito de ter conseguido manter longe de seu discurso um humanismo ultrapassado pelas circunstâncias, ao assinalar que, no limite, “o zelo pelo clássico e pelo humanismo é mais nefasto do que a ignorância pura e simples desse patrimônio cultural” ([1941] 1985, p. 22).

Também a cultura, estava sob sua mira, envolvida que se encontra no turbilhão promovido pelo moderno imperialismo tecnológico. “O otimismo cultural democrático reivindica a salvação e a liberação das massas, utilizando e promovendo a técnica em todas as suas conquistas” (Heidegger 2006, [“Meditação”], p. 47). O americanismo não era para ele outra coisa do que a modelagem, neste contexto, de um homem “cuja *cultura* não é, na maior parte das vezes, senão a tirada de almanaques e revistas ilustradas, de reportagens radiofônicas e salas de espetáculos” (Heidegger [1941] 1985, p. 28).

De acordo com o pensador, tecnologia é o título que podemos conferir ao ente em sua totalidade quando é perpassado pela essência da técnica, mas não qualquer uma: trata-se, sobretudo, da essência que, via a técnica, se expõe e se aperfeiçoa como armação de um certo tempo e seu mundo (era atômica, era espacial, era da informação, era da máquina). A tecnologia é formadora de uma época, expressa um modo de ser que abre um mundo, na medida em que é a correspondência entre um processo de posicionamento da realidade e uma forma de interpelação de nossa existência. O pensamento reflexivo tende a ser posto de lado conforme avançam o calculismo e a sistematização da existência. A retomada ou manutenção da primeira atitude importa como contraponto à “preensão arrogante da técnica em saber a solução dos enigmas e trazer-lhes solução” (Heidegger, *Seinsfrage*, p. 101).

Seguindo o exemplo de *Theodor Adorno e a crítica à indústria cultural: comunicação e teoria crítica da sociedade* (1999/2004), deseja-se, nestas páginas, reconstruir o pensamento heideggeriano com atitude que visa menos expor suas ideias, tarefa para a qual já se dispõem de ampla e refinada literatura, do que proceder à exploração de seu

potencial epistêmico e reflexivo. Na ocasião de um de seus cursos, o pensador disse o seguinte:

Traçaríamos uma imagem bem estranha dos pensadores se achássemos que eles pensam sem errar. Os pensadores essenciais são precisamente aqueles que pensam o verdadeiro, apesar dos vários erros que lhes ‘ocorrem’. Por isso, também a discussão entre pensadores possui um caráter e sentido diversos da crítica e polêmica, tão necessárias e habituais no campo das ciências. A discussão entre pensadores não negocia criticamente se o dito é correto ou incorreto. Sua discussão é pronunciamento, sempre diverso, a respeito do modo em que se pensa originariamente o pensado, o modo em que este se aproxima ou se afasta da origem, a ponto de manter-se sempre numa distância, e a respeito da experiência de que tudo aquilo que cada pensador pensa é, no fundo, sempre o uno e o mesmo (Heidegger [1943/1944] 1998, p. 55).

Desejamos nos apoiar nessa tese, ao propormos a presente leitura da reflexão sobre a técnica feita por Heidegger. Importantes estudos, como dito, procederam já à análise da questão. Borgmann e Mitcham (1987), revisando a literatura sobre o problema da técnica em Heidegger, nos fornecem a base para pensarmos que esses revelam pelo menos quatro estágios, dos quais fornecemos alguns exemplos entre parênteses:

- O primeiro é o estágio de recepção sistemática e exposição comentada, ambas em diversos graus, dos textos referenciais (Loscerbo 1981; Mazarella 1981; Berciano 1982; Seubold, 1986).
- O segundo é o estágio de diálogo crítico e reflexivo com os mesmos (Schirmacher 1986; Zimmerman 1990; Millet 1999; Young 2002; Rojcewicz 2006).
- O terceiro é o de desenvolvimento de investigações aplicadas por elas inspiradas (Coyne 1995; Winograd 1987).
- O quarto é o de exploração filosófica mais ou menos livre das ideias (Borgmann 1984; Hottois 1984; Ihde 1992; Borgmann 1998; Kroker 2003; Sloterdijk [2001] 2011).

Acreditamos que nosso estudo possa ser situado na encruzilhada entre o segundo e o quarto desses estágios. Heidegger escrevia por vezes muito experimentalmente, especulando num sentido novo e radical, que pode ser atestado logo de início, através da singular terminologia que empregou em suas falas e em seus escritos. O pensador acreditava que “somos aqueles que estão começando a experimentar a superação da metafísica histórico-ontologicamente e que se articulam com a força de tração desta superação para perpassar e ir além do infundado e disforme característico da passagem” (Heidegger, *Nilismo*, p. 15). Tentar esclarecer esta e outras passagens nebulosas, em que se conjugam ideias claras e jargão obscuro, é um dos objetivos deste trabalho, mas não o realmente principal. O texto que propomos ao leitor também explora a reserva de sentido aí existente, objetivando menos conservar uma fidelidade aos escritos do mestre do que, sem lhes fazer violência, abordá-los de modo a iluminar os problemas e os ganhos da sua reflexão sobre a técnica.

Nesse sentido, a proposta subjacente a este estudo é claramente anti-heideggeriana, partindo-se da premissa que se deseja esclarecer o mais objetivamente possível um pensamento que sempre renegou esse tipo de pretensão. Heidegger disse certa vez que “uma coisa é verificar opiniões dos filósofos e descrevê-las. Outra bem diferente é debater com eles aquilo que dizem, e isto quer dizer, do que falam” (Heidegger, *Conferências*, p. 19). A submissão servil, em vez de crítica e dialética à máxima, levou o pensador a entender que esse debate é conduzido pelo ser, pelo destino, quase que por uma fatalidade. A perspectiva de entendimento, todavia, não é necessária, levando em conta que o importante, do ponto de vista do seu autor, é que, em cima de suas teses, “cada um faça suas próprias perguntas”, contradiga ou “prolongue minha problemática em outras direções” (Heidegger/Towarnicki 1969, p. 82).

Significa, no caso, que propomos uma reflexão crítica, um diálogo aberto com as ideias e uma apropriação criativa do pensamento heideggeriano. Busca-se a nosso modo não uma ruptura, nem uma negação, “mas – para empregarmos suas palavras – uma apropriação e transformação do que nos foi transmitido” (Heidegger, *Conferências*, p. 20). Ninguém pretende empregar os escritos de um filósofo

consagrado para advogar outra causa com boa grife, que fique claro; mas também não se deseja ser mais uma voz num coro dócil e que se contenta em recitar um texto pretensamente sagrado. A leitura que propomos tem um sentido crítico, porque recusa várias premissas e convicções do pensamento heideggeriano, mas não é negativa, porque ao mesmo tempo descobre nele uma reflexão fundamental para se poder pensar um tema de amplo interesse: o problema do bem viver e do futuro do homem na era da técnica maquinística.

Hannah Arendt escreveu que pensar é uma atividade que interessa a poucos e que menos ainda têm o privilégio de desenvolver. Na hora da técnica planetária, isso “pode ser irrelevante, ou de relevância limitada, para o futuro do mundo, mas não é para o futuro do homem” ([1958] 1993, p. 338). Submetendo o espólio à avaliação crítica, procuramos mostrar, neste estudo, que poucos pensadores compreenderam melhor ou lançaram tanta luz sobre essa curiosa questão quanto Martin Heidegger\*.

---

\* Deixamos de incluir neste volume nota explicativa sobre nossas decisões quanto à maneira de traduzir para a língua portuguesa várias expressões heideggerianas. Apenas em relação ao termo *Ge-Stell*, mencionamos aqui nossa adesão à solução do problema dada por Marco Aurélio Werle. Seguimos nesta obra a proposta do tradutor e, para verter o termo, empregamos a palavra *armação* (cf. *Cadernos de Tradução* 2, Depto. de Filosofia – USP, 1997). Caberá ao leitor não amestrado julgar a propriedade dessa e das demais soluções que adotamos. Para tanto, convém que se leve em conta nosso objetivo, e não a subserviência a textos tidos como sagrados e que, às vezes, encontra-se no estado de prestação de vassalagem em tantos estudos sobre Heidegger. À falta de norma universal, o termo τέχνη será vertido como *techne*. Observamos ainda que as conclusões deste estudo, embora se baseiem em bom número de fontes, não se escoram em toda a documentação existente sobre a temática nestas páginas abordada. Como todos os outros comentadores do assunto, compulsamos parte, maior ou menor, de um acervo literário ainda em fase de divulgação. No volume 76 das Obras Completas (*Zur Metaphysik – Neuzeitlichen Wissenschaft – Technik*), por exemplo, encontram-se referências de interesse central sobre nosso assunto. Embora já publicado, o texto, porém, ainda não foi traduzido para língua ao alcance de nossa capacidade de estudo da obra de Heidegger. Espera-se que, numa eventual edição ulterior, sendo de interesse e viável, possamos dar conta de seu conteúdo. As referências bibliográficas dos trechos citados encontram-se no final do volume. Os textos mais empregados, com exceção dos oriundos dos cursos, serão citados conforme tabela que está na página 191.